

Os vários significados da pipa

Marcos Ribeiro das Neves
EMEF Dom Pedro

O ponto de partida para o trabalho foi a tentativa de todos os componentes curriculares travarem um diálogo com o Projeto Especial de Ação (PEA) da escola discutido coletivamente, cujo tema era a *Diversidade Cultural e a Inclusão Social*. Um dos subtemas recebeu o nome de *Centro, Periferia e Sertão: encontros possíveis e sujeitos em conflitos*. A escolha do título deveu-se à necessidade de problematizar as questões que emergiram do cotidiano da instituição.

Para pensar as manifestações corporais que comporiam o currículo da Educação Física, recorri aos registros dos anos anteriores e detectei que eu não havia tematizado “brincadeiras” com essa turma do 6º ano. Outro fator que pesou na definição da prática corporal a ser transformada em objeto de estudo foi a reforma dos muros externos da escola e a pintura de uma obra de arte que retratava crianças empinando pipas.

Para iniciar trabalho fiz um mapeamento, lançando algumas perguntas na primeira aula e problematizando: O que é pipa para vocês? Onde aprenderam a fazê-la? Como empinam? Será que sempre foi assim? Vocês conhecem pessoas que empinam pipa? Os alunos responderam que conheciam, empinavam, mas apenas os homens, as meninas disseram que não empinavam. Também surgiram falas de que empinar pipa era proibido. Uma vez que emergiu a questão, perguntei o que pensavam sobre as meninas empinando pipas: *Ah professor, é coisa de homem! Agente não gosta!* Esse procedimento didático permitiu identificar os saberes e representações dos estudantes e definir a questão central que nortearia o trabalho pedagógico: a discussão de gênero.

Partimos, então, para a socialização dos saberes. Sugeri que na aula seguinte trouxessem materiais e informações a respeito do brinquedo. Os alunos levaram à escola uma carretilha, uma pipa chamada raia e uma rabiola, materiais que haviam sido comprados por alguns alunos em um bazar do bairro. Fomos todos para um amplo espaço ao lado da escola para empinar.

Conversando sobre o assunto após a vivência, estimulei a identificação dos elementos que compunham a pipa. Registrei na lousa o que os alunos diziam e as explicações que ofereciam. Desenhamos a pipa com a vareta do meio, a vareta da

“envergação” e a rabiola. Coletivamente, caracterizamos as partes do brinquedo. Os alunos disseram que a pipa que chamávamos de raia, em outros lugares, também era conhecida como peixinho. Aqueles com mais conhecimentos a respeito, explicaram que além da carretilha, também era possível utilizar uma lata para enrolar a linha.

Para ampliar os saberes, na continuidade dos trabalhos, pedi que trouxessem novamente a raia, só que sem estar preparada, porque iríamos fazê-lo durante a aula. Várias crianças trouxeram a raia tal como é vendida. Distribuídos em grupos, os meninos passaram a ensinar o que é o estirante, como se faz, e quais são os elementos que levados em consideração na tarefa. Por exemplo, quando se empina uma pipa, é preciso olhar primeiro para o céu, ver a velocidade do vento (se o vento está fraco, se o vento está forte), e aí, colocar o estirante, pois é o dispositivo que permitirá regular a resistência que a pipa fará ao vento.





Os meninos realizaram as explicações necessárias e tiraram as dúvidas. Ofereceram detalhes sobre a construção da rabiola. Algumas meninas se apropriaram das informações e confeccionaram o brinquedo sem maiores dificuldades. Finalizada essa etapa, fomos todos empinar.

Após algumas aulas dedicadas a empinar e reconstruir as pipas que se quebravam, lancei novas provocações: *Mas, qual é a questão central da pipa? Como é que a gente brinca de pipa? O que torna a pipa legal?*

Os meninos se adiantaram: *Olha, a questão central da brincadeira é você ganhar do outro.*

E como é que você ganha do outro?

Cortando, ué!

Fui problematizando para que todos entendessem a lógica da brincadeira. Afinal, é esse o intuito de fabricar e empinar pipas naquele bairro. Nas aulas seguintes, os alunos que trouxeram linha com cortante ou cerol ficaram em espaços diferentes, empinaram suas pipas e cruzaram ou laçaram.

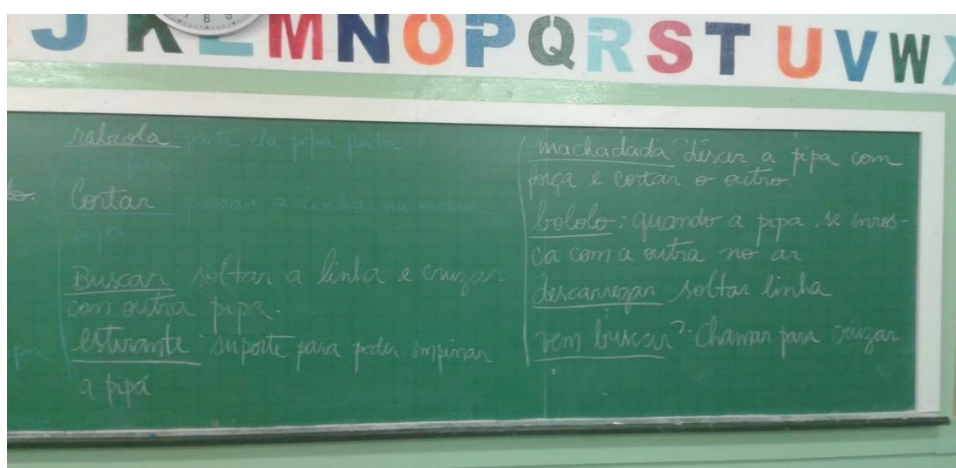
Com a intenção de ampliar a leitura de outros elementos, perguntei como é que se davam as relações no momento em que se empinavam as pipas no bairro. A ideia era oportunizar uma leitura mais aprofundada dos elementos que compõem essa prática cultural. Surgiram informações como as técnicas de empinar, por exemplo, o “debicar”, “batizar”, “entrar por cima”, “entrar por baixo”, além de situações como o que acontece quando uma pessoa tem sua pipa cortada ou “relada”: o brinquedo sai “boiando”.

Diante de tantos termos específicos e desconhecidos para alguns, surgiu a ideia de construir uma espécie de “dicionário da pipa” para que todos pudessem compreender os códigos da brincadeira. Desde o que é o estirante, raia de puxe (pipa sem rabiola), rabiola, fita, envergação, espaço, tamanho, maranhão, até os procedimentos empregados para empinar e laçar, foram registrados, exemplificados e discutidos coletivamente.



O dicionário ia crescendo na medida em que a turma se envolvia com a confecção e vivências. Vários formatos do brinquedo foram relatados, construídos e empinados na escola, da mesma forma como acontece na comunidade, ou seja, muitos laçaram, cortaram e foram cortados.

Expressões como lata de linha, linha chilena, pipa, raia, rabiola, cerol, folha, cortante, vento, enrolar, descarregar, puxar, cortar e aparar, laça-gato, réu, cheio da linha, guindô, bololô, capucheta e pipa panga, não só foram incluídas no dicionário, como também tornaram-se habituais entre os alunos. Eles se deram conta da existência de uma rede de significados ao redor daquela prática corporal.



Artistar o currículo cultural da Educação Física implica em andar no fio da navalha, dialogando com a pedagogia do dissenso, que concebe a prática pedagógica como um texto impregnado de relações de saber-poder.

O trabalho mexeu com diferentes atores que transitam na escola. Enquanto uns consideravam a experiência importante, a equipe gestora a considerava perigosa e pediam para que os riscos de empinar pipas fossem discutidos com os alunos. Apresentavam-me leis que proibiam a ocorrência. Obviamente, eu levava essas preocupações em consideração, mas as entendia como lutas que caracterizam o processo de significação. Como lidar com a cultura popular e como isso transita no currículo, são elementos importantes e que precisam ser analisados. A questão é que eu temia cair na armadilha de narrar o Outro como fonte de todo mal. Ou seja, quem é o sujeito que empina pipa e usa cerol para cortar as demais? Por que isso é visto com maus olhos, ao mesmo tempo que é tão apreciado pelos alunos? Chegavam a ostentar os cortes nas mãos como cicatrizes da batalha.



O interessante foi perceber que as crianças não se incomodavam com isso. Para elas, a pipa tinha outros significados, o problema girava em torno da questão de gênero. Apesar das atividades realizadas até então, meninas e meninos insistiam no olhar sexista que produzia a brincadeira como exclusividade masculina.

Com o objetivo de desfamiliarizar essas representações, apresentei fotos de meninas empinando pipa e relatos de garotas envolvidas com a prática. A tentativa de hibridizar discursos pareceu surtir efeitos, pois a participação feminina na brincadeira cresceu sensivelmente.





Para aprofundar os conhecimentos acerca das técnicas de construção das pipas, assistimos a um vídeo extraído da Internet, ao mesmo tempo em que desafiei os alunos com maior repertório sobre o assunto que apresentassem uma pipa que todos pudessem empinar na escola. Surgiu, então, a “jerequetinha”, que nada mais é do que uma folha de caderno ou sulfite dobrada com uma fita de rabiola. Também ensinaram a construir a “bicuda”, algo como um avião de papel, mas que também é empinado. As opções alegraram aquela parcela dos estudantes que tinham dificuldades de empinar as pipas convencionais. Todos puderam colecionar a experiência de ver seus brinquedos subirem ao céu.



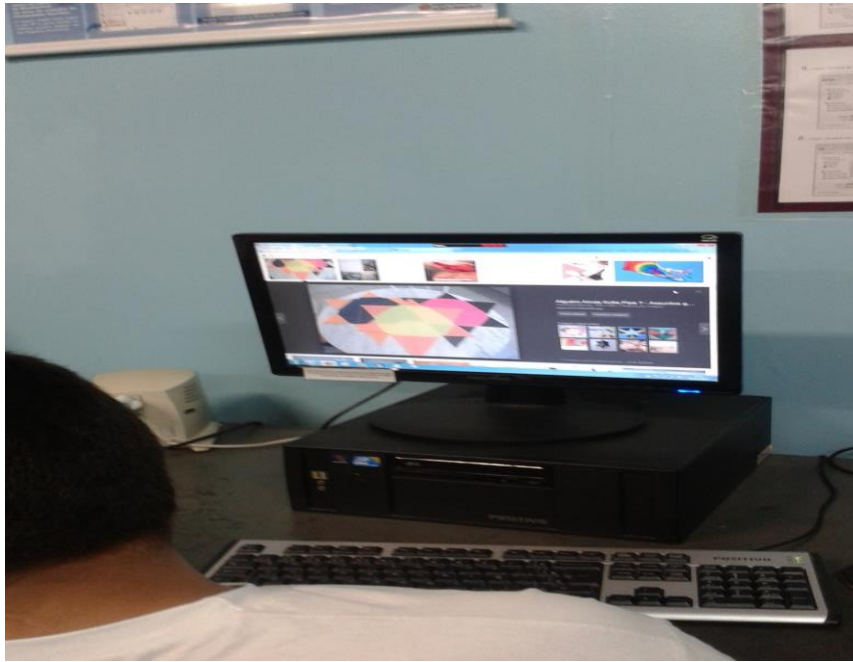
Jerequetinha

Bicuda

Tivemos contato com a “lacinha”, uma brincadeira em que as pessoas que empinam pipa praticam quando não há vento ou está chovendo. Segundo explicações dos meninos, eles não deixam de empinar, apenas empinam de outra forma: *Para a pessoa que empina pipa, quando está chovendo é horrível, só que eles não deixam de brincar de pipa, eles brincam com a lacinha. Colocam um pedaço de pedra na linha e ficam cortando o outro.*



A brincadeira também foi objeto de pesquisas na sala de informática. Mediante a seleção prévia de sites sobre o tema, agregaram novos conhecimentos àqueles que já possuíam.



Cada descoberta de formato de pipa desconhecido para o grupo era acompanhada de uma investigação mais detalhada que precedia a sua construção na escola. Surgiram a pipa “T”, a pandorga e a pipa estrela.



Foi aí que um aluno se aproximou e disse que fazia parte de um grupo que empina pipa. Ele trouxe uma camiseta e explicou aos colegas como acontecem as competições de pipa. Foi um momento importante porque os alunos travaram contato com outros significados acerca do brinquedo e, principalmente, porque um dos seus representantes sentiu-se à vontade para narrar suas experiências.



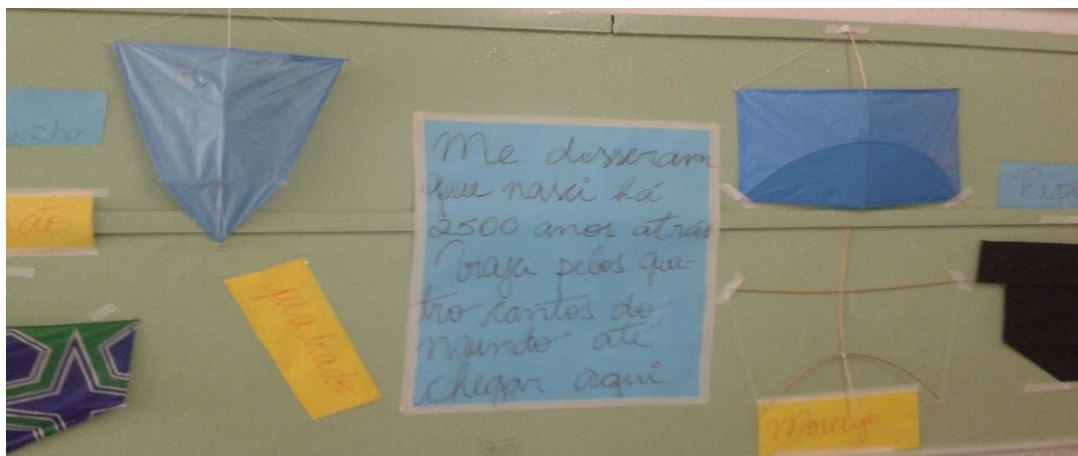
Dando prosseguimento à pesquisa, surgiu a pipa morcego.





Com relação às atividades de aprofundamento, trabalhamos com um vídeo que descrevia uma das possíveis origens da pipa, na China, há 2500 anos, sua circulação ao redor do mundo e a chegada ao Brasil significada como brinquedo e arte. Nesse momento, problematizamos aquelas representações que circulavam na escola com relação ao perigo dessa prática. Para resumir, uma aluna assim se posicionou: *Af professor! Ficam falando da pipa, não entendem que isso é arte também!*

Como avaliação final construímos um mural que narrava todo o caminho percorrido. As pipas, suas diferenças, seus componentes e os códigos que compõem esse artefato cultural.



Com o tempo, percebi que as pipas desapareciam do mural e achei isso o máximo, pois significava que os alunos as levavam para casa. Para cada pipa desaparecida, eu afixava outra. Na minha experiência enquanto docente, nunca tive contato com ações deste tipo. Foi muito bom!

